

## A EDUCABILIDADE DO MOVIMENTO HIP HOP: DIFICULDADES E PERSPECTIVAS

FRANCISCO ANDERSON VARELABEZERRA  
UFCG  
Andreson-varela@hotmail.com

DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES  
UFCG  
dorgefernandes@yahoo.com.br

### RESUMO

O artigo problematiza a educabilidade do movimento hip hop, centrando-se no seu caráter sociopolítico, artístico e educacional tendo em vista o trabalho de conscientização política, de lutas e resistências de jovens pobres brasileiros no atual contexto brasileiro. Analisa exemplos de como o hip hop atua em prol da educação formal e não formal e demonstra a importância desse movimento para as minorias ao adentrar, de modo formal ou não formal, no âmbito escolar, possibilitando debates sobre politização e valorização da cultura negra e visibilizando pensamentos e ações de pessoas que sofrem e combatem preconceitos, exclusões e violências. Porém, o hip hop enfrenta dificuldades para adentrar no espaço escolar devido à marginalização social sofrida pelo movimento e ao fato de a instituição escolar seguir um padrão curricular conservador sem espaços para diferenciadas formas educacionais, o que leva o hip hop a produzir mais efetivamente práticas educacionais não formais nos espaços da instituição escolar.

**Palavras-chave:** Hip hop; Educação não formal; Conscientização política, Exclusão; Resistência.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o movimento hip hop, e de modo mais específico, considerando-se a abrangência desse movimento, analisa-o como agente educativo e de conscientização social. Nesse sentido destacamos o rap como um dos elementos do movimento que se expressa por meio do “Ritmo e Poesia”, dando voz aos seus participantes com a finalidade de construir movimentos de intervenção na educação e nas lutas sociais. O desenvolvimento de tal problemática parte da seguinte questão: como se dá a educação nesse movimento social e cultural tendo em vista o processo de conscientização política?

Essa questão foi elaborada tendo em vista a contexto histórico no qual o movimento hip hop teve início e tem se desenvolvido. Quanto à educação, sabemos que esse

movimento não se atém, apenas e propriamente, à educação formal, ministrada na instituição escolar, mas ocorre de modo mais preponderante e efetivo no âmbito extraescolar, pois o objetivo do movimento hip hop, desde o início, visava a educação e a conscientização social e política das minorias oprimidas, em sua maior parte formada pela população negra que sofria - e ainda sofre - diversos tipos de injustiças e opressões, tais como segregação racial, exclusão social e econômica, e por isso lutavam contra o sistema econômico social onde essas injustiças se potencializavam cada vez mais, o capitalismo.

Sob uma visão sociológica o movimento hip hop foi interpretado como expressão artístico-político. A crise econômica sofrida por vários países, a exemplo dos Estados Unidos da América, ainda em consequência da segunda guerra mundial, ocasionou diversos problemas: desemprego, corte dos serviços públicos, aumento da violência urbana. Assim, em meados da década de 1970, os Estados Unidos da América, já se configurando como uma das principais potências mundiais, colocam em prática as políticas neoliberais visando estabilizar a economia do país. Tais problemas, entre outros, causaram efetivos efeitos na vida dos jovens pobres dos guetos e periferias daquele país e foram de extrema relevância para a criação do Movimento Hip Hop, assumindo um caráter político, artístico, cultural e social. Sobre a criação desse movimento, afirma Santos (2011, p.17):

Foi em meio a esse contexto de crise econômica, aumento dos problemas sociais e desestruturação urbana que surgiu o hip-hop. Criado por jovens negros e pobres dos Estados Unidos, inicialmente na cidade de Nova York, o hip-hop é a união de *rap* (música), *break* (dança) e grafite [...]. Todavia, para além da literalidade do conceito, essa manifestação foi utilizada como instrumento de resistência, alternativa de lazer e transformou-se num movimento político-cultural de uma parte considerável da juventude negra e pobre americana e, a partir dos anos 1980, em muitos outros países.

Considerando-se a afirmação de Santos quanto aos aspectos de resistência, cultura e política assumidos pelo movimento hip hop, é possível compreender que esse movimento além de uma forma artística de expressões corporais, visuais e auditivas, assume também caráter educacional, no qual os rappers em suas poesias em forma de músicas falam sobre a sua realidade, sobre experiências vividas nas zonas periféricas, buscando sempre em suas letras a transmissão de mensagens políticas que contestavam o *status quo* e denúncias sociais, com letras sempre bem elaboradas, a todo momento visando uma educação não-formal voltada para as populações de zonas periféricas.

A escrita deste artigo, cuja metodologia usada para a sua produção se pauta na pesquisa bibliográfica, objetiva empreender uma análise sobre questões relativas ao

movimento hip hop enquanto agente educativo, buscando mostrar que esse movimento tem importância cultural e educativa para as minorias sociais e políticas que não tiveram a oportunidade de receber uma escolarização justa e igualitária. Assim objetivamos também explicitar a necessidade de que o hip hop seja debatido e mostrado no âmbito escolar, dando ênfase ao seu caráter de militância politizadora e de conscientização social, retratando a cultura negra, mostrando-a do ponto de vista das pessoas que sofrem diversos tipos de preconceitos como exclusão social, cultural, violência policial, discriminação racial entre outros, valorizando também a cultura afrodescendente que está arraigada no movimento hip hop.

### BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP HOP

O movimento hip hop na atualidade tem sido caracterizado como um movimento social de caráter educativo e de militância política, mas para entendermos tal caracterização é necessário compreender o contexto histórico do seu surgimento.

O cenário político nos Estados Unidos, onde se origina o movimento hip hop, passava por diversos tipos de problemas, entre esses os raciais. Foi na região sul desse país, lugar onde a escravidão foi mais disseminada e políticas segregacionistas semelhantes às do Apartheid na África do Sul foram instituídas. Locais públicos como ônibus possuíam assentos específicos para brancos e negros, nos banheiros e bebedouros havia também essa separação, em alguns lugares eram somente permitidas a entrada de pessoas brancas, até 1954 nas escolas também só podia ser permitido o ingresso de pessoas brancas. Era uma época na qual o sistema era em sua totalidade racista e suas políticas se baseavam na segregação racial. Os negros em condições extremamente precárias se rebelam contra tais injustiças e leis fascistas, como por exemplo, as leis *Jim Crow*<sup>85</sup>. Dessa forma iniciava-se a mobilização em busca de direitos iguais.

Foi nesse período de intensa luta que surgiram nomes de grande importância para as lutas da população negra, tais como *Malcolm X*<sup>86</sup> e *Martim Luther King*<sup>87</sup>, entre outros.

---

<sup>85</sup>As leis de Jim Crow foram leis locais e estaduais, promulgadas nos Estados do Sul dos Estados Unidos, que institucionalizaram a segregação racial, afetando afro-americanos, asiáticos e outros grupos étnicos. Vigoraram entre 1876 e 1965.

<sup>86</sup>**Malcolm X** foi um dos maiores representantes na defesa dos direitos dos negros nos Estados Unidos. Nascido no dia 19 de maio de 1925 na cidade de Omaha, **Malcolm Little** era filho de **Earl Little** e de **Louise Little**. Ver mais em: <<http://www.infoescola.com/biografias/malcolm-x/>>

Também foi fundado o partido dos Panteras Negras com o intuito de dar continuidade às lutas as quais vinha sendo exercidas em prol da população negra, com ideologias de caráter socialista e anticapitalista, que buscava dar voz a comunidade afro-americana.

Após o assassinato de Martin Luther King a maioria da população negra “despertou”, o partido criou mais forças com a mobilização em massa da população negra, assim trazendo mais pessoas que contribuía nas lutas contra as políticas segregacionistas. Porém devido o partido ser considerado radicalista pelas autoridades da época, chegando ao ponto de lutar pelos seus direitos através de forças armadas, houve perseguições e investigações por parte do Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos (FBI) e gradativamente o movimento foi também perdendo forças por conta de motivos políticos governamentais, na tentativa de extinguir as lutas afro-americanas.

Eis que em meio a esse cenário, surgiu o movimento social que objetivava expor os problemas que a população negra vinha enfrentando, o movimento hip hop. Este foi influenciado pelas lutas que já haviam sido travadas contra o sistema governamental opressor.

Embora o senso comum localize o surgimento do movimento hip hop nos Estados Unidos, este tem origem em outro país, a Jamaica, onde teve início por volta da década de 1940. No final da década de 1960 e início da década de 1970 começou a haver a migração de jovens jamaicanos para os Estados Unidos devido à crise que a ilha passava, grande parte desses jovens se alojava nos subúrbios norte-americanos. Os jovens imigrantes começaram a realizar eventos festivos semelhantes aos que realizavam na Jamaica e que eram conhecidos como *Black Parties*, isto é, festas nas quais majoritariamente quem as frequentava era a população negra e de situação econômica desfavorecida. O movimento hip hop viria a surgir em meio a esse cenário no qual, de início, era uma forma simples dessa população que sofria com as políticas segregacionistas e lutavam contra o sistema capitalista, realizar atividades de lazer.

Porém como esse período foi marcado pelas políticas segregacionistas e de opressão racial ou socioeconômica, entre outras, o movimento viria a ser usado como forma de expressão em prol da luta contra essas diversas situações e também como forma de educação não-formal, orientando a população que estava engajada no movimento. Foi

---

<sup>87</sup> Martin Luther King Jr. foi um importante pastor evangélico e ativista político norte-americano. Nascido na cidade de Atlanta em 15 de janeiro de 1929. Em 14 de outubro de 1964, recebeu o prêmio Nobel da Paz em função de seu trabalho, combatendo pacificamente o preconceito racial nos EUA. Ver mais em: <[http://www.suapesquisa.com/biografias/luther\\_king.htm](http://www.suapesquisa.com/biografias/luther_king.htm)>

então que o hip hop surge como resposta aos problemas enfrentados pela população dos bairros pobres de Nova York como o Bronx, Harlem e Broonklyn, entre outros. Com a marginalização vivenciada nesses bairros, o hip hop surge como movimento cultural-político, ou seja, como reação a situação que sofriam. Nesta perspectiva, como assinala Ivan Messias (2008), o termo hip hop significa movimentar-se político-esteticamente.

Os elementos que compõem o hip hop e que já existiam em manifestações culturais da Jamaica como forma de diversão e lazer, são: O Rap (*rhythm and poetry*) é um relato musical por meio de ritmo e poesia com letras improvisadas; o DJ (disc jockey) fica encarregado de mixar as músicas e fazer o ritmo envolvente do rap; o MC (*máster of ceremonies*) é o responsável por relatar todos os problemas da comunidade e experiências de vida, assim alertando e orientando os que escutam suas rimas; o B. boy (*break boy*) é o elemento que representa o movimento por meio das expressões corporais, ou seja, por meio da dança de rua, seja street dance, break, entre outros estilos; e por último o elemento Grafite que é mostrado por meio da arte de pinturas em muros, trens e locais públicos de fácil visibilidade.

Assim, com a junção desses elementos já utilizados antes na Jamaica para a realização de festas e momentos de lazer dos jovens, foram compostos a cultura e o movimento hip hop, que com a sua migração foi instaurada nos Estados Unidos. A partir das lutas e movimentos sociais o hip hop proporcionou e deu chances para que a população negra envolvida pudesse expor suas aflições, porém o hip hop tomou proporções gigantescas, não se atendo somente ao público dos Estados Unidos. Sobre a expansão do hip hop para além dos EUA, Ivan Messias afirma:

O rap extrapolou as fronteiras da negritude, pois em países diversos ele incorpora distintas bandeiras de luta, com demandas específicas: migração, religiosidade, gangsters não-negros. Na Alemanha da década de 90, por exemplo, o grupo de rap Kanake enfrenta o nacionalismo dos Skinreds. Seria ingenuidade e “romantização” crer na contestação e “guetificação” de qualquer expressão artística, mesmo quando, a princípio, os veículos de comunicação rejeitam-se. (MESSIAS, 2008, p.37)

Destarte, o movimento hip hop por ultrapassar as barreiras de uma só causa, ou seja, a luta racial negra, esse passa a ser considerado um movimento social, pois mobilizava a luta artística dos mais diversos grupos juvenis, seja em relação à luta de igualdade de gênero, respeito pelos credos religiosos e outros.

No Brasil, o movimento que já corria várias partes do mundo com o intuito de conscientizar minorias oprimidas, chega por volta da década de 1980, por meio da força mercadológica do capitalismo, assim Ferreira e Menezes (2005, p. 8) afirmam:

Este fato muito se deve à força mercadológica do fenômeno de venda das produções artísticas internacionais no país. Na capital paulista, berço das manifestações do hip hop, por exemplo, foi por meio dos bailes e das lojas específicas de musicalidade negra que a cultura hip hop se inseriu entre a “galera”.

Deste modo surgiram vários grupos no Brasil, da mesma forma como ocorreu nos Estados Unidos, o movimento aqui no nosso país também teve a pretensão de servir à conscientização das populações de zonas periféricas sobre a importância do seu engajamento no cenário político, sempre buscando fomentar essa orientação por meio da arte que a cultura hip hop proporciona. Apesar de ser aceito por parte da população marginalizada, pelo motivo de não está diretamente ligado ao ambiente escolar e também pelo fato de ter surgido no meio da população negra, o movimento hip hop não foi aceito positivamente pela sociedade. Porém o rap foi sendo difundido por alguns grupos que foram fazendo sucesso e conquistando a mídia nacional, tais como Thayde e Dj Hum, logo em seguida Racionais Mcs, Detentos do Rap, Câmbio Negro, Sabotage, entre outros. Todos sempre com a ideologia de contestação do estado político atual, mostrando a realidade da vida das pessoas que moram nas periferias e o que sofrem, como a violência policial, falta de oportunidade educacional e cultural, expondo a criminalidade e sempre buscando a inclusão social da população que tem sofrido com essas questões.

### **A EDUCAÇÃO FORMAL: DIÁLOGO ENTRE A ESCOLA E O RAP**

Apesar do seu caráter educativo, das suas características de conscientização social, politizadora e educacional e dos benefícios que o movimento cultural proporcionou nos lugares onde foi inserido, o movimento hip hop não conseguiu adquirir o seu espaço dentro do âmbito da educação formal. Isto por diversos fatores, mas o principal deles é exatamente a questão da marginalização que o movimento sofreu devido a etnia e a condição econômica dos seus criadores e principalmente pelo seu sentido de contestação ao status quo social, político e econômico.

A educação formal se caracteriza por ser sistematizada e acontece na instituição escolar, seguindo um padrão histórico onde o professor seria o principal mediador do

conhecimento formalizado a ser transmitindo para os alunos, se baseando nas leis de diretrizes educacionais organizadas pelo estado burguês e regimentadas para que ocorra a educação a serviço de uma estrutura social desigual e injusta. A educação formal, segundo Gadotti (2005, p.2), seria aquela que:

Tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação.

Logo, devido a educação formal seguir esse padrão estrutural e burocrático, esta não tem dado espaço para aspectos educacionais diferenciados, como é o caso do movimento hip hop. Foi por esse motivo que o mesmo não tem tido lugar no âmbito formal da educação escolar, mas também há a questão relacionada ao preconceito e marginalização do movimento e as questões políticas que dificultam a sua entrada na estrutura da educação formal. Existem, todavia, diversos casos e exemplos da junção entre a educação formal e o movimento hip hop.

Um dos casos bem-sucedido de integração entre escola e movimento hip hop é o exemplo do professor Pablo<sup>88</sup>, formado em química pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, e morador do bairro Capão Redondo. Porém, antes de tudo, devemos compreender que o seu exemplo não deve ser tido como verdade única e absoluta, pois o fato do caso ter ocorrido com sucesso não significa que este se aplica e muito menos representa toda instituição escolar e todo movimento hip hop. Mas com certeza é uma prova de que a junção entre esse movimento e essa instituição pode ser adotada.

O envolvimento do professor Pablo com o movimento hip hop veio exatamente por ser um jovem negro de zona periférica. Na comunidade onde morava foi um dos poucos que conseguiu concluir o ensino médio e entrar na universidade e após a sua formação como professor de química, viu que como ele, aqueles jovens de zona periférica também tinham capacidade de entrar no ensino superior, mesmo contando com todas as dificuldades encontradas como o não acesso a uma educação de qualidade, baixas

---

<sup>88</sup>Professor Pablo – Blequisploiteixion é o título do segundo álbum do Professor “rapper” Pablo. O título tem o título de um movimento que foi a revolução do homem negro dos Estados Unidos nas grandes telas, com filmes onde eles eram os atores principais. O movimento chamado de “Blaxploitation” começou no início dos anos 70 e foi adaptado a nossa gramática por um professor de química que canta Rap. Assim como o movimento cinematográfico, Pablo, desde o seu primeiro disco, procurou mostrar o negro no papel principal e sem estereótipos. Entrevista em vídeo sobre a sua história, ver em: <<https://globoplay.globo.com/v/2104867/>>

condições financeiras, falta de inclusão social e cultural, entre outros fatores negativos. Assim esse professor decidiu realizar palestras motivacionais e de conscientização social com um grupo de amigos nas escolas, criando um pequeno projeto idealizado por eles, no qual buscava mostrar aos jovens que apesar das dificuldades encontradas era possível “vencer na vida” por meio dos estudos, sempre mostrando para aqueles jovens que o maior ato de rebeldia contra o sistema para quem nasce pobre é estudar. Porém, não teve êxito de início nessas palestras. Diz o Professor Pablo (2012):

Quando chegávamos nas escolas, eu mais três amigos, todos negrões, de jaqueta, o pessoal jurava que era show de rap, então ficava uma galera atenta olhando, aí quando a gente começava a conversa já tinha uma galera falando, não quero ouvir isso e fugiam, então comecei a perceber que se a gente chegasse e cantasse iríamos mobilizar muito mais gente.

Esta situação levou o professor Pablo a escrever as suas primeiras letras de rap e viu que era possível haver essa ligação do ambiente escolar com o rap, na qual é possível também aprender por meio da música, principalmente para os jovens de periferia, pois o contexto descrito nas letras das canções é contexto social, econômico e cultural no qual a grande maioria dos jovens pobres de periferia está inserido. Ele deu continuidade a sua carreira de professor e agregou a de rapper, na qual seu nome artístico ainda continuava o mesmo enquanto docente: “Professor Pablo”. Foi como ficou conhecido, realizando ações sociais, palestras sobre cidadania, violência, assuntos da periferia em geral em escolas e comunidades carentes.

A educação não formal se diferencia da educação formal, embora ambas tenham, a princípio, o mesmo objetivo, que é o de educar o cidadão para viver em harmonia no meio social, despertar o senso crítico e a consciência acerca dos seus direitos e deveres perante a sociedade. Porém os métodos para a execução do ato educacional são de certa forma diferenciados. Como vimos anteriormente, para que ocorra a educação formal é necessário haver a sistematização e burocratização do processo, e uma das principais características da educação não formal é especificamente essa, a questão de não necessitar seguir esse sistema, no qual a educação se dá por meio das instituições tais como escolas e universidades. Segundo Gohn (2006, p. 2), a educação não formal é aquela que:

designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que

possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.

É considerando a especificidade apontada por Ghon que o movimento hip hop tem o seu lugar dentro da educação não formal, pois desde a sua origem o movimento buscou a fomentar a orientação política dos direitos pertencentes aos cidadãos, realizando atividades comunitárias voltadas para a solução dos problemas coletivos na sociedade. Sendo assim, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social (GOHN, 2006). A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Daí também alguns a chamarem impropriamente de “educação informal” (GADOTTI, 2005). De acordo com o que os autores afirmam é possível compreender que a educação formal e não formal estão intrinsicamente ligadas, com alguns fatores que as diferenciam, mas o objetivo de ambas é sempre o mesmo, a educação do cidadão para agir em prol da sociedade.

Na educação formal o principal mediador do conhecimento é o professor, mas na educação não formal e mais especificamente no movimento hip hop quem seria esse mediador do conhecimento? O rap (ritmo e poesia) que é uma das vertentes do hip hop e pode ser considerada a “voz” do movimento, alguém que se aproximaria da figura do professor no cenário da educação não formal seria o rapper, com suas composições poéticas em formato musical fazendo relatos ou orientações educacionais em prol das comunidades.

No cenário atual da música brasileira ainda existem muitos artistas com o espírito que o movimento hip hop proporcionou no início da década de 70, que foi o de passar o conhecimento, conscientizar e dar o poder de militância política para aquelas minorias que não tiveram a oportunidade de receber adequadamente a educação formal. Artistas como Gabriel o Pensador, Fábio Brazza, Racionais Mc’s, Eduardo e outros ainda tentam fazer o papel do “professor” dentro do movimento hip hop, entre esses será citado o exemplo do Mc Marechal.

Rodrigo Vieira, mais conhecido como Mc Marechal, há mais de quinze anos como rapper lutando dentro movimento hip hop no Brasil, nunca se submeteu à mídia na tentativa de ocultar as verdades que são expostas em seus versos sobre o sistema opressor que desfavorece em geral as populações de classes pobres e de baixo poder econômico. Desde o início quando entrou no movimento seu foco foi buscar educar e politizar as comunidades nas quais realizava seus shows. A partir dessa ideologia, foi então que em

2012 ele reverteu um dos seus cachês para a compra de livros com o intuito de distribuí-los em seu próximo show, ele viu que a reação do público foi positiva e isso o levou à ideia de criar o Projeto Livrar<sup>89</sup>. Livrar vem da junção das palavras “livro” e “levar”, e remete à essência da perspectiva libertária, um dos cinco elementos da cultura hip hop.

No ano de 2016 o projeto completou quatro anos de sua criação, e com uma marca expressiva de mais de 5.000 livros distribuídos gratuitamente, possibilitando assim a difusão de conhecimento e proporcionando a leitura para muitos jovens de zonas periféricas que nunca tiveram a oportunidade de receber um livro em mãos. São exemplos como ações desse tipo realizadas pelo Mc Marechal que nos possibilita ver que a educação por meio da música rap é possível, seguindo a linha educacional não formal, na qual ocorre no âmbito extraescolar, que apesar de sofrer ainda com a marginalização do movimento é possível fazer essa ligação entre escola-rap-educação.

Em uma de suas músicas o rapper Mc Marechal busca passar a mensagem referente ao projeto por ele fundado. Também existem diversas outras mensagens como a que retrata e resgata a cultura africana, a exemplo da música intitulada “Griot”<sup>90</sup>. Nesta o MC faz denúncias e críticas ao nosso sistema educacional e aos métodos de ensino atrasados, no qual somos “escravos” da reprodução, não existindo o incentivo ao raciocínio livre para criar, criticar ou inovar.

Trecho da música “Griot”:

*[...] E eles dizem que eu sou louco, ainda acredito em movimento  
Mais que gravar, quero semear algo de valor pro tempo  
[...] Porta voz de quem trabalha, Malcolm X  
nós por nós da forma que for necessária  
Em breve coleta de livros nos evento em várias áreas  
Incentivos pra ter mais bibliotecas comunitárias  
Depois das bibliotecas um centro de estudo avançado  
Substituir as escolas, métodos dos atrasados*

---

<sup>89</sup>Projeto Livrar é uma ação de distribuição de livros idealizado pela escritora e produtora cultural Lâmia Brito e pelo músico e produtor musical Mc Marechal. As distribuições acontecem em shows do selo musical #VVAR e os objetivos são o fomento a leitura, a descoberta de novos leitores e garantir a visibilidade aos autores desses livros. Ver mais em:<[www.projetolivrar.com.br](http://www.projetolivrar.com.br)>  
Vídeo sobre o projeto:<<https://www.youtube.com/watch?v=0N7tNleWS3I>>

<sup>90</sup> Os Griots, são indivíduos que tinham compromisso de prescrever e transmitir histórias, fatos históricos, os conhecimentos e as canções de seu povo. Existem gritos musicos e gritos contadores de histórias. Eles ensinavam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e davam conselhos aos jovens príncipes, eram responsáveis por transmitir a tradição e a cultura. Vivem hoje na África ocidental.

*Nos preparam pra ser escravos, não incentivam o raciocínio  
Deviam mostrar marcos da história mais parecidos com Plínio  
Explicam o domínio de quem fabrica o dinheiro  
Faz em prol do seu sonho e suborna seu travesseiro  
Faz tu acreditar que só sobreviver já tá maneiro  
O jogo é sujo, segundo grau pra ser lixeiro  
Geral tá sem dinheiro, eu tô bolado  
Que volte a época que os Mc's eram mais politizados  
E quando show com renda pra revolução for anunciado  
Isso é papo de 10 minutos os ingressos ter esgotados  
Estádio lotado geral mostrando o que somos  
Sobreviventes no inferno mais de 50 mil manos  
muitos deles descalços, pois jamais nos deslumbramos  
Preferimos morrer assim, sendo donos de onde pisamos  
Jesus, João Batista, Pensador, Gogh, Brown, Rakim, Gentileza,  
Gandhi, Mandela, Marley, Fela, Lutherking  
Pra ser mais um tô na pista, filosofia Um só Caminho  
E os meios justificam-se agora porque essa porra não tem fim. (Mc Marechal, 2011).*

Pelo fato da instituição escolar seguir um padrão curricular de ensino no qual não abre espaços para as diversas formas educacionais, como por exemplo, o movimento hip hop que pode ser usado no âmbito educacional, a difusão das práticas educacionais que o movimento proporciona são dificultadas e barradas na escola. Porém para compreender melhor como ocorre esse tipo de educação diferenciada, outro exemplo que podemos citar é o projeto extraescolar “Programa Escola Aberta”, realizado nas zonas periféricas de Recife, que fez essa relação entre a escola e o movimento hip hop, possibilitando a participação das comunidades na escola por meio de oficinas, práticas educativas e sociopolíticas.

Este projeto foi realizado com pessoas de baixa renda em comunidades nas quais a escola está inserida e apresenta inúmeros tipos de problemas como carência em relação aos serviços de saneamento básico, equipamentos de lazer e estrutura de urbanização como transporte, segurança pública, água tratada, além de outros fatores que dificultam a entrada e permanência dos alunos na escola. As práticas realizadas pelo projeto contribuem para uma nova visão de mundo, despertando o senso crítico acerca da realidade vivenciada pelos jovens e são formadas ações participativas e mobilizadoras, como forma de garantir que os princípios e os valores que nutrem o movimento circulem e transformem a cultura política desses jovens (MENEZES et al., 2010).

A educação formal, por meio do currículo escolar, no exercício educacional, em grande parte dos casos, não está preocupada em considerar criticamente o contexto cultural e socioeconômico no qual o aluno está inserido, não buscando desenvolver no educando o senso crítico e político, diferentemente do movimento hip hop que tem como uma das suas prioridades esses objetivos. A escola, via de regra, busca sempre seguir o seu currículo estabelecido com rigidez, sem gerar “brechas” para novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Contrariando essa perspectiva, o propósito do projeto Escola Aberta foi:

De garantir ocupação, lazer, recreação e profissionalização para os jovens desses lugares, busca diferentes sujeitos para viabilizar seus objetivos. No caso do movimento *hip hop* já é de conhecimento público seu poder de atrair a juventude de modo geral, em especial, a juventude pobre, por conta de suas raízes [...] A adesão desses jovens ocorre por sua proposta de ludicidade, conhecimento, corporeidade e criatividade, e isso também é reconhecido pela política que convoca o movimento para atuar no programa. (MENEZES et al., 2010, p. 92)

Com a inserção do projeto na escola em comunidades de Recife, foi possível ver que pelo motivo do mesmo não fazer parte do projeto político-pedagógico da escola, ou seja, por não está pautado no currículo escolar, foram encontradas dificuldades no diálogo entre os conteúdos abordados nas salas de aulas e oficinas que o projeto Escola Aberta oferecia com o intuito de dinamizar as aulas, difundir e propagar o conhecimento.

Observa-se nos trabalhos realizados nas oficinas, que apesar das dificuldades de diálogo entre a escola e o projeto, foram adotadas pelas escolas que aceitaram o projeto, práticas nas quais o movimento hip hop proporcionou atividades educativas, conforme descrição abaixo:

Uma é instrumental ou episódica, em que se utilizam estratégias de divulgação das oficinas, a partir das apresentações em datas comemorativas. Com isso, busca-se a adesão de um número cada vez maior de alunos. A outra apropriação é mais pedagógica, já que uma professora da disciplina de artes foi referenciada e informou que desenvolvia trabalhos com o grafite como linguagem atual e música de rap, ao trabalhar música brasileira. (MENEZES et al., 2010, p. 100)

Deste modo, podemos perceber que o movimento hip hop busca desenvolver e seguir um padrão diferenciado do que a escola, de praxe, repassa para exercer o ato educacional. O movimento busca interagir com os alunos por meios lúdicos, sempre visando à interação direta entre aluno, professor e material didático, possibilitando a entrada de conteúdos que serão debatidos nas escolas e que despertam o interesse dos alunos no que se refere a sua realidade e contexto cultural de onde estão inseridos. Assim, alguns temas, tais como sexualidade, drogas, ação policial e violência contra a mulher

cativa de modo efetivo o interesse nos jovens (MENEZES et al., 2010). Esses são temas, entre outros, que a escola, com a sua rigidez curricular, dificilmente coloca em livre discussão junto aos alunos. Julgamos ser necessário que haja na escola a discussão das questões mais prementes que afetam a vida dos jovens estudantes pobres, negros, moradores de periferia, ou seja, temas que de fato retrate a realidade no qual o aluno se encontra e que possa ser visto por ele como algo que será um aprendizado útil para a sua vida e seu contexto social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pretendeu-se neste trabalho expor uma discussão pautada na temática relacionada ao movimento hip hop e educação (formal ou não formal), fazendo uma contextualização histórica que se remeteu à questão educacional, cultural e libertária que esse movimento pode proporcionar para as populações que engajadas na luta política comunitária em prol da igualdade de direitos e melhoria das condições de vida.

Consideramos que a questão levantada e que motivou a escrita do artigo foi problematizada a contento, qual seja: como se dá a educação e o processo de conscientização no movimento social, cultural e político denominado Hip Hop? Como nos foi possível ver, a educação praticada nesse movimento não é exatamente a que ocorre no âmbito escolar, mas sim, de modo mais efetivo, fora dessa instituição, haja vista que seu principal objetivo educacional é conscientizar política e socialmente os sujeitos pobres, negros e moradores de periferia, enfatizando o senso crítico e o engajamento político para pessoas de comunidades carentes. Assim fazendo com que esses sujeitos tomem consciência acerca dos seus direitos como cidadãos. Objetivo que inexiste na educação escolar atual – a educação política e crítica acerca da realidade vivida pelos jovens pobres, negros e moradores de periferia.

Também foi possível ver que apesar das dificuldades de diálogo encontradas entre a escola e o movimento hip hop, é possível haver a junção de ambas instâncias educativas, porém um dos fatores recorrentes que impedem que isso aconteça é a marginalização e o preconceito sofridos pelo movimento. A perspectiva libertária que o movimento hip hop proporciona enquanto agente educativo, com base no seu contexto histórico e cenário em que surgiu, é possível chegar à conclusão que esse movimento pode se inserir no âmbito escolar, como foi exposto ao longo da escrita do artigo. Todavia, para isto é imprescindível que seja flexibilizado o currículo das escolas localizadas em zonas periféricas, pois esse é o

contexto no qual, majoritariamente, os alunos estão inseridos, aproximando a sua realidade dos conteúdos vistos na escola, possibilitando ao hip hop facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal.** *Institute Internacional des Droits de 1º Enfant (ide)*. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre, 2005, p 1-11.

GOHN, M. G. Educação não-formal na pedagogia social. In: **Anais do I Congresso Interno de Pedagogia Social**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Mar. 2006.

KURTIS, E. **A origem do Hip Hop e seu compromisso.** Disponível em: [www.vaiserrimando.com.br/2014/02/21origem-hip-hop-e-o-seu-compromisso](http://www.vaiserrimando.com.br/2014/02/21origem-hip-hop-e-o-seu-compromisso). Acesso em: 15 set. 2016.

MACEDO, I.; FIUZA, A. F. **A educação informal e o rap como agente educativo.** *Eccos*, n 31, p 17, 2013.

MENEZES, J. A.; COSTA, M. R.; FERREIRA, D. F. T. Escola e movimento *hip hop*: o campo das possibilidades educativas para a juventude. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.12, n.esp., p.83-106, set. 2010.

MENEZES, J. A.; FERREIRA, D. F. T. **Entre a escola e o movimento hip hop: O Campo das Possibilidades Educativas para a Juventude do Recife.** *Revista TCC- Revista de divulgação científica do curso de Pedagogia-UFPE*, v. 3, p. 1-25, 2011.

MESSIAS, I S. **Hip Hop, Educação e Poder: O Rap como instrumento de educação não-formal.** 2008. 157 f. Dissertação Mestrado (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, Salvador, 2008.

MORENO, R. C. ALMEIDA, A. M. F. **O engajamento político dos jovens no movimento hip hop.** *Revista Brasileira de educação*, v. 14, n. 40.p. 130-142, 2009.

Professor Pablo. Programa Jô Soares. **Entrevista.** Vídeo (17mn). 2012. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2104867/>. Acesso em: 28 de setembro de 2016.

SANTOS, R. E. Resistência da juventude negra no contexto neoliberal. **Revista Cultural Crítica.** São Paulo. HIP HOP, 2º SEM 2011. Disponível em: < <http://www.apropucsp.org.br/revistas/revista-cultura-critica>>. Acesso em: 28 de setembro de 2016.

VIEIRA, R. **Mc Marechal** – *Música “Griot”*. Disponível em: <https://youtu.be/eH2doV-F1zM>. Acesso em: 28 de setembro de 2016.

## **INCLUSÃO ESCOLAR, PRÁXIS E RELAÇÕES SOCIAIS: O CASO CEEIGEF (CENTRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL INTEGRADA GENY FERREIRA) – PB**

*LUANNA MICHAELLY SOARES RODRIGUES*  
luannamichaelly@hotmail.com

### **RESUMO**

O objetivo do presente texto é discutir a inclusão escolar enquanto práxis, destacando sua historicidade e problematizando suas relações estabelecidas com a sociedade contemporânea. Este artigo se ocupa em analisar os impactos da inclusão e o tratamento que a sociedade emprega a essa questão, tomando como referência a escola CEEIGEF (Centro de Educação Especial Integrada Geny Ferreira), que é uma instituição discursivamente inclusiva, localizada na cidade de Sousa-PB. Para tecer tais reflexões, tomara-se como referência as perspectivas de Foucault (2001) Lopes (2011), Díaz (2012), entre outros pesquisadores, que possuem importantes reflexões na área.

**Palavras-Chave:** Inclusão Escolar. Sociedade. Educação. Desafio.

### **INTRODUÇÃO**

Inclusão e exclusão são conceitos e práticas socialmente e historicamente variadas e controversas. O historiador francês Michel Foucault, em seus estudos compreende-as enquanto invenções modernas e que nem sempre existiram enquanto exercício na sociedade.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1998, p.12)

Nessa perspectiva, a inclusão é uma espécie de construção e de uma verdade concebida por instâncias ou grupos e ancoradas por um discurso. Nesse sentido, a inclusão pressupõe jogos de poder e de verdades. Uma vez que (...) “não há relações de poder sem constituição correlata de um campo de saber; nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. (FOUCAULT, 2004, p.27).

A necessidade de incluir as diversidades e as heterogeneidades surge em um contexto social marcado pela existência de sujeitos diferentes. Em uma sociedade